

**OS GREGOS E A ÍNDIA:
OS GIMNOSOFISTAS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE FILOSOFIA GREGA**

THE GREEKS AND INDIA

The Gymnosophists and their influence on Greek Philosophy

Francisco Jose da Silva¹

Resumo: Estabelecer as relações entre os gregos e os pensadores hindus parece muitas vezes problemático, principalmente pelo reduzido número de fontes. Em geral, os historiadores da filosofia não consideram que haja uma ‘Filosofia Oriental’ no mesmo sentido que usamos no Ocidente, mas é possível estabelecermos o paralelo e as influências que algumas formas de pensamento oriental exerceram sobre os primeiros filósofos gregos. A proposta deste trabalho é mostrar, a partir de algumas fontes antigas (Diógenes Laércio e Plutarco) e comentadores contemporâneos, a influência dos chamados Gimnosofistas (ou sábios nus) da Índia sobre o pensamento filosófico grego das origens, destacando os filósofos Pitágoras, Demócrito e Pirro, como os autores cujas relações com estes sábios se apresenta mais evidentes.

Palavras-chave: Filosofia - Gimnosofistas – Índia

Abstract: Establish relations between the Greeks and Hindu Thinkers often seems problematic, especially when it comes to philosophy. In general, historians of philosophy do not consider that there is an ‘Eastern philosophy’ in the same sense that we use in the West, but it is possible to establish the parallel and the influences that some forms of Eastern thought had on the early Greek philosophers. The purpose of this paper is to show, from some ancient sources (Plutarch and Diogenes Laertius) and contemporary commentators, the influence of so-called Gymnosophists (or naked sages) of India on the origins of Greek philosophical thought, highlighting the philosophers Pythagoras, Democritus and Pirro, as the authors whose relations with these sages appears more evident.

Key-words: philosophy - gymnosophists – India

¹ Professor Adjunto do curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA), doutorando em Filosofia (UFC).
franz.silva@ufca.edu.br



Introdução

Entre as grandes discussões da tradição filosófica, podemos indicar uma que tem sido retomada por vários autores contemporâneos², embora ainda inconclusiva como todas as grandes questões da filosofia, a saber, a que diz respeito à possibilidade de uma filosofia oriental. Nossa proposta é apresentar evidências indiretas de uma influência do pensamento indiano nas concepções dos primeiros filósofos gregos (em especial Pitágoras, Demócrito e Pirro) por parte dos Gimnosofistas ou Ginosofistas, chamados 'sábios nus'.

O pensamento oriental³ sempre tem sido visto com distância por parte dos filósofos ocidentais, para alguns deles as filosofias orientais não passam de sabedorias ou tradições morais e religiosas, mas nunca filosofias no sentido rigoroso, embora tenhamos exemplos de grandes diálogos entre filósofos ocidentais e filosofias orientais, tais como aqueles levados a cabo por Malebranche, Leibniz, Voltaire, Schopenhauer e Hegel⁴. Esses diálogos muitas vezes redundaram em influência direta e indireta nas discussões destes autores, embora nem sempre haja reconhecimento. Também não podemos desconsiderar o papel e influência de figuras do século V-VI a.C., como Lao Tsé, Confúcio, Buda, Mahavira, e posteriormente no séc.VIII, através do pensamento monista do sábio hindu Shankara, inclusive no pensamento ocidental.

No que diz respeito especificamente à Índia e sua tradição milenar, podemos destacar a existência de seis doutrinas ou escolas 'filosóficas' (chamadas Darsanas) de influência Védica⁵, são elas: Yoga, Samkhya, Vedanta, Vaiseshika, Nyana e Mimamsa⁶. Essas doutrinas são semelhantes a várias concepções filosóficas ocidentais, muitas já foram comparadas aos sistemas de pensamento grego e a determinadas partes da filosofia, como a lógica (Nyaya), cosmologia atomista (Vaisheshika), etc. Não podemos subestimar os pensadores védicos em suas elaborações metafísicas e psicológicas, embora autores como Hegel as

2 Recentemente tem surgido várias publicações no Brasil (livros, artigos), bem como encontros de pesquisa que buscam tratar da relação entre filosofia ocidental e oriental. É digno de nota o surgimento do GT de Filosofia Oriental no interior da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), apontando para uma tendência que tem crescido e se consolidado, no sentido da pesquisa e intercâmbio entre pensamento oriental e filosofia ocidental.

3 O pensamento do Oriente aqui é tomado a partir das tradições filosóficas que se inserem nas regiões que compreendem o extremo Oriente, especialmente a Índia, China e Japão.

4 O período moderno e o avanço dos intercâmbios entre Ocidente e Oriente permitiu a possibilidade desse diálogo com os pensadores de ambas as tradições.

5 Os Vedas são os livros sagrados da tradição hindu (o termo Veda tem origem no sânscrito Vidya, conhecimento).

6 Zimmer, H. Filosofias da Índia, tradução Nilton Almeida Silva e Claudia Geovani Bozza, SP, Palas Athena, 2008.



vejam como 'filosofemas' que estão ligados mais diretamente à religião⁷ do que propriamente à filosofia.

As “filosofias bárbaras” e os gregos

Em primeiro lugar, vejamos a origem, a doutrina e a influência dos Gimnosofistas no pensamento grego antigo, em segundo lugar poderemos rastrear quais os pensadores gregos tiveram contato direto ou indireto com estes “sábios nus”. Entre as primeiras referências aos Gimnosofistas na Filosofia antiga, temos a denominação de ‘filósofos bárbaros’, que remonta ao historiador grego Diógenes Laércio (séc.III), em sua obra “*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*”, nela ele os cita ao lado dos Caldeus⁸, dos Magos⁹ e dos Druidas¹⁰, como os primeiros sábios dos povos não-gregos. Segundo ele,

Segundo alguns autores o estudo de filosofia começou entre os bárbaros. Esses autores sustentam que os persas tiveram seus Magos, os babilônios ou assírios seus Caldeus, e os indianos seus Ginosofistas: além disso, entre os celtas e gálatas encontram-se os chamados Druidas ou Veneráveis (LAERTIOS, 1988, p.13).

Apesar de ser uma obra eivada de anedotas e historietas supostamente desinteressantes do ponto de vista doutrinal, devemos reconhecer que as biografias sobre as vidas dos filósofos na antiguidade eram cheias de referências simbólicas presentes em ditos, gestos, atitudes e anedotas, o que deve ser visto de forma cuidadosa por parte do pesquisador, em vista de não perder detalhes da doutrina presente de forma simbólica¹¹. Em todo caso, vale atentar para a equivalência que se percebe entre os chamados sábios (Sophos) das culturas não-gregas e os filósofos gregos, muitos dos quais eram considerados sábios e

7 Hegel, GWF. Lições sobre a História da Filosofia, Mexico, Fondo de Cultura Economica. Vale lembrar, no entanto, que embora Hegel seja um dos primeiros filósofos a introduzir o pensamento oriental em suas Lições de História da Filosofia, sua compreensão destas filosofias é limitada devido o acesso indireto às fontes, em especial por meio das traduções inglesas.

8 Os Caldeus seriam os sacerdotes e astrólogos da Babilônia, na região da Caldeia.

9 Os Magos ou ‘magoi’ são os sacerdotes da Pérsia que seguem os ensinamentos da religião de Zoroastro (Sec.VII a.C), considerada uma religião monoteísta com estrito ascetismo. No Novo Testamento são citados como sábios astrólogos (astrônomos) do Oriente que seguem a estrela de Belém e vão visitar o recém nascido Jesus (Mateus 2,1-12).

10 Druidas eram os sábios que exerciam a função de mestres, sacerdotes, juizes, médicos e filósofos entre as tribos celtas da região desde a península Ibérica até a Anatólia. A palavra vem de uma junção dos termos ‘deru’ (carvalho) e ‘wid’ (saber), “aqueles que detém o saber do carvalho”.

11 Gazzineli, G. A vida céptica de Pirro, SP, Loyola, p.30-38.



*só posteriormente foram denominados filósofos ou amigos da sabedoria*¹².

Podemos perceber que havia uma discussão já na antiguidade a respeito das origens e fontes da filosofia, segundo Diógenes Laércio, entre os 'bárbaros'¹³ podemos encontrar possíveis escolas de filosofia, os Magos entre os Persas, os Caldeus entre os Assírios, os Gimnosofistas entre os Indianos e os Druidas entre os Celtas. Já entre os gregos encontramos os sete sábios (Tales, Sólon, Bias, Pítaco..), os precursores do pensamento filosófico e seus fundadores, os Pré-Socráticos. *Há na discussão contemporânea pelo menos três perspectivas a respeito das origens da filosofia grega, a questão da ruptura/continuidade com o Mito, a origem a partir do pensamento dos sete sábios da Grécia e por fim, a origem oriental da Filosofia*¹⁴. Não pretendemos abraçar a ideia de que a filosofia tem sua origem no pensamento oriental, mas que há profundas influências do pensamento oriental na filosofia antiga, neste caso específico da parte dos Gimnosofistas.

Caracterizando de forma mais detida as doutrinas dos Gimnosofistas, Diógenes Laércio apresenta alguns pormenores:

Os Ginosofistas pregam a justiça e consideram ímpia a prática da cremação, porém acham lícito o casamento com mãe ou filha...além disso praticam a adivinhação e prognosticam o futuro, alegando que os próprios deuses lhes aparecem. Eles dizem ainda que o ar está repleto de formas que se propagam como o vapor e penetram nos olhos dos adivinhos de visão aguçada; esses Ginosofistas também proíbem adornos pessoais e o uso de ouro. Suas roupas são brancas, eles dormem no chão e se alimentam de vegetais e pão rústico; seus bastões são de junco, e esses homens, segundo consta costumam usá-los para apanhar com sua ponta o pedaço de queijo que comem (LAERTIOS, 1988, p.13).

Essas são as doutrinas atribuídas aos Gimnosofistas por Diógenes Laercio, a humildade, a austeridade, o desapego às riquezas e a relação com as questões metafísicas, é preciso, no entanto, considerar que entre os 'filósofos bárbaros', os Gimnosofistas são os que maior influência exerceram no pensamento dos filósofos gregos, exemplo disso são as referências a estes na vida dos filósofos Pitágoras, Demócrito, Pirro e Plotino, como veremos a seguir. Vale reiterar que foi Pitágoras uma das maiores figuras do pensamento pré-socrático que

12 Como sabemos o termo "filósofo" remonta a Pitágoras, o qual não se considerava um sábio (Sophos), mas "um amigo da sabedoria" (philos + sophia).

13 Bárbaros são os povos que não falam a língua grega. O termo se refere ao falar supostamente sem sentido dos estrangeiros que parece um balbucio (bar bar).

14 Soares, Antonio Jorge. Considerações sobre a origem da Filosofia, in: Revista Direito e Liberdade, vol.6, numero 02, pags.61-68, jan/jun 2007, Mossoró (RN).



supostamente primeiro travou contato com os 'sábios nus' na Índia, além de ter viajado para a Babilônia e Egito.

As raízes da filosofia dos Gimnosofistas encontram-se no período anterior a constituição do pensamento Védico (XX a XV a.C.), e de forma heterodoxa a este, surgiram as doutrinas do Jainismo e do Budismo (séc. V a.C.), como suas principais correntes. Os chamados Gimnosofistas são originários do pensamento jainista e trazem a marca da heterodoxia em relação aos Vedas. O Jainismo foi fundado por Vardhamana Mahavira¹⁵, e segundo alguns estudiosos jainistas ele teria sido na verdade o 24º dos Tirthankaras (*os Autores da travessia do Rio*), o primeiro teria sido Parsva. O Budismo por sua vez é o resultado da libertação acontecida na vida de Sidarta Gautama (séc.VI a.C.), o Buda (de buddhi, desperto), o qual se distancia do ritualismo dos brâmanes e da vida ascética dos eremitas.

O Jainismo é dividido em duas seitas, os Svetambara e os Digambara. Os 'Gimnosofistas' (ou sábios nus) seriam os partidários de uma seita jainista chamada 'Digambara' (os vestidos de nuvens)¹⁶. Destacamos aqui a influência de certo ceticismo dos Jainistas, uma vez que nesta corrente filosófico-religiosa, segundo a concepção de Parsva, seria impossível assentir a qualquer doutrina, porque o sábio se torna sem opinião, sua vida é inativa, e isto gera a felicidade, que por sua vez é a negação da inquietude. Podemos perceber aí claramente os princípios que estariam na base da atitude cética de Pirro, ou seja, 'agnosia', o sábio seria 'adoxastos', tendo uma vida baseada na 'apraxia' e na 'ataraxia'¹⁷.

Pitágoras e o Oriente

Fazemos aqui um parêntese para relacionar o pensamento oriental e os Gimnosofistas com um dos primeiros filósofos gregos, Pitágoras de Samos (séc. VI a.C.). Pitágoras foi mais um dos filósofos gregos que sofreram influência, mesmo que indireta, do pensamento indiano. Como sabemos os primeiros

15 Mahavira viveu no séc.V a.C., tendo sido contemporâneo de Buda.

16 Zimmer, R. *Filosofias da Índia*, p. 201 (nota 26).

17 No século VI a.C. percebemos o desenvolvimento de linhas de pensamento críticas ao vedismo e ao brahmanismo, oposição em relação à eficácia e necessidade dos elaborados rituais litúrgicos, bem como a pluralidade infinita de divindades no seio da religião hinduísta. Nesse sentido, vários sistemas de pensamento se desenvolvem, entre as quais monistas, ateístas, agnósticos e ceticistas, alguns deles influenciados pelo desenvolvimento da argumentação, da silogística e dos debates em torno de vários aspectos do saber religioso, entre estes grupos podemos citar o pensamento de Goshala, do qual Mahavira recebeu influência, bem como dos lokayatas. Nesse sentido, estabelecemos relação entre estes primeiros pensadores céticos e agnósticos na Índia e os filósofos gregos que são citados como seus 'seguidores', é digno de nota o desenvolvimento da argumentação e da dialética entre os gregos justamente no período posterior a esses céticos da Índia, ou seja, o século V a.C.



filósofos foram viajantes que tiveram contatos com diversas culturas do mundo antigo, como o Egito, a Babilônia, a Pérsia e mesmo a Índia. É conhecida sua suposta viagem a Índia para entrar em contato com o saber dos hindus.

Segundo *Peter Gorman*, em *Pitágoras, uma vida*:

Essa opinião de que o pai de Pitágoras era um estrangeiro se ajusta perfeitamente ao outro mito do sábio, no qual se afirma que ele adotou trajes orientais, como calças. Além disso, muito se escreveu sobre o relacionamento de Pitágoras com o Oriente, especialmente com a Índia. Sua ancestralidade bárbara também pode explicar a aparente facilidade com que ele se relacionava com os povos do Levante, pois obviamente teria aprendido fenício com o pai (...) Apolônio de Tiana moldou sua vida segundo Pitágoras e visitou não só o Egito e a Babilônia, mas também a Índia (GORMAN, 1990).

Pitágoras, assim como Apolônio de Tiana¹⁸, seu grande admirador, encontraram entre os orientais a fonte de um saber milenar e místico encoberto sob a capa da religião exótica dos hindus. Essa religião ou conjunto de crenças sincretizadas trazia em seu bojo profundas especulações lógicas, psicológicas e metafísicas, bem como incisivos questionamentos céticos a respeito do conhecimento do real.

Segundo Mead, biógrafo de Apolônio de Tiana:

Os gregos antigos diziam francamente que Pitágoras foi à Índia. Porém, como as afirmações foram feitas por escritores neopitagóricos e neoplatônicos posteriores a Apolônio, objeta-se que as viagens deste último sugeriam não só este item na biografia do grande filósofo de Samos, mas diversos outros, ou mesmo que o próprio Apolônio, em sua biografia de Pitágoras, tenha sido o pai do rumor. A íntima semelhança, no entanto, entre muitos aspectos da disciplina e doutrina pitagóricas e do pensamento e prática indo-arianas fazem-nos hesitar em rejeitar inteiramente a possibilidade de que Pitágoras tenha visitado a antiga Ariavarta (MEAD, 2000, p.30).

Uma vez que Apolônio teria seguido os mesmos passos de Pitágoras em sua formação filosófica e mística, poderíamos supor a possibilidade desta viagem de descoberta por parte do filósofo de Samos, uma vez que este assumia ser um "amigo da sabedoria", um eterno buscador da verdade.

18 Mead, G.R.S. Apolônio de Tiana, sábio, profeta e renovador dos mistérios, Brasília, Editora Teosófica, 2000. Como nos informa Mead: "Apolônio foi à Índia com um propósito e regressou com uma missão distinta; e provavelmente suas constantes inquirições co relação aos "homens sábios" que estava procurando, levou Dâmis a imaginar que eles eram os únicos 'gimnosofistas', os 'filósofos desnudos', se devemos tomar o termo em seu sentido literal, da lenda grega popular, que atribuía por ignorância a todos os ascetas hindus as peculiaridades gritantes de um numero muito pequeno destes ascetas" (p.72).



Ainda sobre Pitágoras, segundo Peter Gorman:

No que se refere às biografias escritas por Diógenes Laércio, Porfírio e Jâmblico, deparamo-nos com singular dificuldade de terem sido redigidas numa época em que o interesse da cultura helênica estava muito voltada para o Oriente. Basta lembrar as viagens empreendidas por Apolônio e Plotino ao Oriente e os inúmeros relatos sobre filosofia oriental que se infiltraram no centro comercial de Alexandria durante os séculos II e III d.C. Havia, nessa época, um particular interesse pelos magos persas e pelos gimnosofistas ou filósofos nus (sadhus) da Índia (GORMAN, 1990, p.57).

Faz-se necessário um estudo pormenorizado dos sistemas de pensamento da Índia, para termos a dimensão de sua originalidade frente ao pensamento grego, bem como de suas distinções, para que possamos avaliar de forma contextualizada o que é propriamente grego ou indiano.

Segundo vários biógrafos antigos, existia uma 'moda oriental' que influenciou não apenas Pitágoras, mas também Plotino (Séc.II), entre outros filósofos da época, algo que se tornou mais frequente depois do domínio e das viagens de Alexandre Magno na região da Índia, como podemos perceber o fascínio pelo oriente não é uma novidade contemporânea, como podemos perceber. O discípulo e biógrafo de Plotino, Porfírio de Tiro (234-304), relata sobre uma estátua andrógina do deus Shiva que tem ligação com o conceito de uma dualidade que emerge da unidade como traço comum entre o pensamento neoplatônico e indiano, serve como um dos elementos que permitem traçar paralelos e uma possível influência mútua entre pensamento grego antigo e indiano¹⁹.

Os Gimnosofistas nas origens do atomismo e ceticismo gregos

Assim como já afirmamos, as doutrinas dos Gimnosofistas tem semelhanças com as ideias do ceticismo antigo, especialmente no que diz respeito à suspensão do juízo (epokhé), o não-assentimento a qualquer verdade dogmática, e não-ação (apraxia) e a felicidade entendida como tranquilidade (ataraxia). Neste sentido, vários filósofos, segundo a obra de Diógenes Laércio, parecem ter sido influenciados pelos sábios indianos, entre eles destaca-se a figura de Demócrito de Abdera, entre as semelhanças está a doutrina do atomismo:

Demétrio nos Homônimos e Antístenes na Sucessão dos filósofos dizem que Demócrito viajou também ao Egito a fim de aprender a geometria com os sacerdotes, e foi ainda a Pérsia para visitar

¹⁹ Lacrosse, Joachim. *Uma passagem de Porfírio relativa ao Siva andrógino dos brâmanes da Índia (tradução)*, in: *Kriterion*, Belo Horizonte, N° 117, Jun/2008, pp.219-233.



os Caldeus e o mar Vermelho. Conserva-se também uma tradição segundo a qual Demócrito conviveu com os ginosophistas na Índia e chegou até a Etiópia (LAERTIOS, 1988, p.260).

Como foi relatado anteriormente, os Jainistas tinha uma concepção atomista da realidade, o que serve de reforço a nossa insistência em relação à influência destes sobre o pensamento de Demócrito. Neste sentido, o atomismo de Demócrito não seria uma "invenção" do filósofo grego, mas uma adaptação das ideias dos pensadores hindus que exerceram profunda influência sobre o mesmo.

Também é muito forte a semelhança entre as ideias dos sábios da Índia e as do céptico Pirro de *Élis* (360-270 a.C.), entre as principais destacamos os *tropos* (modos) cépticos, a influência de Demócrito (que como já vimos também teria tido contato com os ginosophistas), e o conceito de ataraxia, a ideia de imperturbabilidade:

Pirro de *Élis* era filho de Pleistarcos, de acordo com o relato de Dioclés. Segundo o testemunho de Apolodoros em sua Crônica, dedicou-se inicialmente à pintura e foi discípulo de Brison, filho de Stilpon, como atesta Alexandros na Sucessão dos filósofos. Depois seguiu Anaxarcos e o acompanhou a toda parte em suas viagens, tendo tido a oportunidade de conviver com os ginosophistas na **Índia**, e com os magos. Esta convivência estimulou-lhe consideravelmente as convicções filosóficas e parece que o levou ao caminho mais nobre da filosofia, pois Pirro introduziu e adotou os princípios do agnosticismo e da suspensão do juízo (*epokhê*), como diz Ascanios de Abdera (LAERTIOS, 1988, p.267).

É digno de nota que, Diógenes Laércio afirme que, com eles (os Gimnosofistas), Pirro seguiu o caminho mais nobre da filosofia, sendo ao que parece a ideia de suspensão do juízo (*epokhê*). A suspensão do juízo é o ato de evitar qualquer afirmação sobre o conteúdo da realidade. Já o agnosticismo reitera essa suspensão no que diz respeito à questão da existência de Deus. Em comparação com a doutrina céptica temos os princípios da não-opinião (*adoxastous*), não-ação (*apraxia*) e indiferença ou imperturbabilidade (*ataraxia*).

Apesar de algumas críticas ao exagero em relação à suposta influência do pensamento oriental na filosofia de Pirro, uma vez que esta relação é em geral considerada simbólica²⁰, devemos realçar que os temas parecem profundamente

20 Gazzinelli, G.G. A Vida céptica de Pirro, p.135-136.



conectados, em especial no que diz respeito aos temas morais e da fragilidade da racionalidade humana. Os filósofos do período posterior a Platão e Aristóteles, do helenismo, desenvolveram seus sistemas na prioridade da busca da felicidade, enquanto vida boa e virtuosa. O ponto de partida lógico é a base para a consolidação do edifício ético, o qual neste período estava no centro das discussões, em especial com os filósofos epicuristas e estóicos.

Como sabemos, Pirro esteve presente na campanha de Alexandre o grande a Ásia. Plutarco de Queroneia, em sua obra *Vidas Paralelas*, nos fala sobre o encontro de Alexandre, o grande, com os sábios da Índia, em *Vida de Alexandre*:

“(Alexandre) Fez prisioneiro dez Ginosofistas que muito haviam contribuído para a revolta de Sabas, tendo sido causa de muitas contrariedades para os Macedônios. Como fossem famosos pela exatidão e sutileza de suas respostas, o rei formulou umas questões que pareciam insolúveis, declarando que faria morrer primeiro aquele que respondesse mal, e os outros sucessivamente; e escolheu o mais velho dentre eles para ser juiz. Perguntou ao primeiro qual era o maior número – o dos vivos ou dos mortos: ‘O dos vivos – foi-lhe respondido; pois os mortos já não existem’. Ao segundo, se era a terra ou o mar que produzia animais maiores: ‘A terra, pois o mar é apenas uma parte dela’. Ao terceiro, qual era o menor dos animais: ‘Aquele – foi a resposta – que ainda não é conhecido pelo homem’. O quarto, interrogado acerca do motivo pelo qual haviam instigado Sabas à revolta, respondeu: ‘Para que vivesse com glória ou morresse miseravelmente’. Alexandre perguntou ao quinto se existiu primeiro o dia ou a noite: ‘O dia – foi a resposta – mas só de um dia precedeu este a noite’. Estranhando o rei essa resposta, o filósofo acrescentou que perguntas extraordinárias precisavam respostas extraordinárias (...) Alexandre fez vários presentes aos Ginosofistas e despediu-os (PLUTARCO, 2002, p.80-81).

Como podemos perceber, os sábios nus são mestres na arte da sutileza e exatidão nas respostas a perguntas difíceis. Ao contrário do que podemos conceber como uma característica do pensamento grego, os sábios hindus são como podemos perceber os precursores das discussões e dos debates lógicos e céticos.

Entre as influências possíveis que podemos inferir no que diz respeito ao ceticismo grego, está a ideia presente no pensamento jainista a respeito das várias manifestações das opiniões ou do caráter não determinado da verdade, o que pode ser uma primeira forma do que denominamos ‘epoché’. Como exemplo dessa concepção, podemos citar os chamados ‘tropos’ de Pirro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão a respeito da relação e influência dos Gimnosofistas sobre a filosofia na antiguidade, devemos considerar que, a interlocução entre as culturas indiana e grega foi não apenas um evento fortuito e pontual, mas um encontro de culturas que tornou possível o desenvolvimento das formas de pensar filosófico que posteriormente tanto influenciaram o mundo ocidental, embora este tenha se distanciado dos saberes do mundo denominado oriental.

Infelizmente ainda carecemos de fontes e pesquisas em português que possam nos dar uma dimensão dessa presença do pensamento oriental na filosofia antiga, mas aos poucos surgem novas traduções e estudos que nos ajudam a rastrear melhor esse processo intercultural. As figuras emblemáticas de Pitágoras, Pirro e Demócrito nos dão uma noção mínima da amplitude desta influência que se expandirá com as correntes filosóficas deles oriundas, tais como, o pitagorismo, a filosofia de Platão e o neoplatonismo de Plotino, bem como o ceticismo e o atomismo posteriores.

REFERÊNCIAS

GAZZINELLI, G. *A vida cética de Pirro*, SP, Loyola, 2009.

GORMAN, P. *Pitágoras, um vida*, SP, Circulo do Livro, 1990.

HEGEL, GWF. *Lições sobre a História da Filosofia*, México, Fondo de Cultura Economica, 1995.

HENRIQUES, A. *Iniciação ao orientalismo*, RJ, Record Nova Era, 2000.

JAIN, J.C. *Vida e Obra de Mahavira Vardhamana*, SP, Palas Athena, 1982.

LACROSSE, Joachim. *Uma passagem de Porfirio relativa ao Siva andrógino dos brâmanes da Índia (tradução)*, in: *Kriterion*, Belo Horizonte, N.º 117, Jun/2008, pp.219-233.

LAERTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução e notas Mario da Gama Kury, Brasília, EdUnb, 1988.

MEAD, G.R.S. *Apolônio de Tiana, sábio, profeta e renovador dos mistérios*, Brasília, Editora Teosófica, 2000.

NANAJIVAKO, B. *The Indian origin of Pyrrho's philosophy of epoche*, in: *Indian Philosophical Quarterly*, vol.XII, n.4, Oct/Dez 1985.



PLUTARCO, *Alexandre e Cesar, vidas comparadas*. Trad. Hélio Vega, SP, Ediouro, 2002.

SOARES, Antonio Jorge. *Considerações sobre a origem da Filosofia*, in: Revista Direito e Liberdade, vol.6, numero 02, pags.61-68, jan/jun 2007, Mossoró (RN).

VALLE, G. *Filosofia Indiana*. SP, Loyola, 1997.

ZIMMER, H. *Filosofias da Índia*, tradução Nilton Almeida Silva e Claudia Giovani Bozza, SP, Palas Athena, 2008.